

---

## A história de quem conta histórias: o jornalista como personagem nas produções do Globo Play<sup>1</sup>

Gabriel BHERING<sup>2</sup>

Iluska COUTINHO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

O jornalista responsável por contar histórias sempre foi visto como uma figura interessante para as narrativas literárias, cinematográficas e teledramatúrgicas, por carregar diferentes características da vida urbana. Tomando como referência estudos apresentados em outras edições do Intercom acerca dessas representações, este artigo busca em diálogo com essas pesquisas se direcionar para como esse profissional vem sendo representado nas produções do Globo Play, sejam elas documentais como “Escola Base” e “Repórter do Poder” ou seriadas com elementos de ficcionalidade como “Rota 66: a polícia que mata”. A proposta é entender como a empresa constrói narrativas audiovisuais mobilizando a memória, a credibilidade e a identidade dos jornalistas, categoria profissional vítima de ataques na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalista; documentário; série documental; série de ficção; Globo Play.

### INTRODUÇÃO

A Globo é uma emissora de televisão estruturada a partir do jornalismo e do entretenimento, conforme ela reconhece ao contar a sua própria história em seu site. No início, esses dois campos seguiam caminhos muito distintos, sem trocas e simbioses. Atualmente, com as convergências dos meios (Jenkins, 2008), é possível observar um diálogo maior entre ambos os caminhos, que se cruzam e complementam a fim de manter a televisão brasileira viva diante das novas tecnologias. Desde sua criação em 1965, várias inovações aconteceram nas Organizações Globo, entre elas a criação da plataforma de streaming Globo Play em 2015, que tem dedicado uma parte de seus esforços para contar histórias de jornalistas por meio de documentário e séries documentais. Entre tais produções destaca-se nesse trabalho “Escola base: um repórter enfrenta seu passado” (2022) e “O repórter do poder” (2023) respectivamente, assim como a série de ficção “Rota 66: a polícia que mata” (2022).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação do PPGCOM - UFJF, email: [bhering.gabriel@estudante.ufjf.br](mailto:bhering.gabriel@estudante.ufjf.br)

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Comunicação (FACOM - UFJF), email: [iluska.coutinho@ufjf.br](mailto:iluska.coutinho@ufjf.br)

---

Na história da cinematografia, o jornalista como personagem não é uma novidade do presente. Inclusive, este assunto já foi tema de trabalho na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), conforme ilustra a pesquisa de Travancas (2003), que investigou como o Cinema pode ajudar a construir estereótipos para o jornalista, enquadrado ora como herói, ora como bandido. Na perspectiva da pesquisadora, o jornalista é um personagem interessante para o cinema, pelo fato da sétima arte possuir um forte interesse pelos ecos urbanos, que essa profissão simboliza ao carregar características da vida urbana, como “superficialidade, anonimato, relações transitórias, sofisticação e racionalidade” (Simmel, 1975).

Além do jornalista como personagem no Cinema não ser uma novidade no presente, é interessante reparar que na própria Globo esse fenômeno não é novo. Seja por meio das telenovelas, carro chefe da emissora, que trouxe em sua trajetória diversos personagens como jornalistas, ou a partir do próprio telejornal que em sua dramaturgia (Coutinho, 2003) pode colocar o repórter como personagem em suas narrativas. O primeiro caso também já foi estudado no Intercom, no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom, com o trabalho de Trinta e Neves (2005), que aborda sobre os jornalistas na novela “Celebridade” e “Senhora do Destino”.

A fim de prosseguir as investigações do jornalista como personagem, esse trabalho se volta justamente para as produções exclusivas do Globo Play em que esse profissional é enquadrado como personagem central de uma narrativa, seja ela no formato ficcional ou documental objetivando refletir a partir da Análise da Materialidade do Audiovisual (Coutinho, 2016) como uma empresa que tem o jornalismo como um eixo produtivo, narra sua história no documental ou reconstrói esse profissional na ficção.

## **O JORNALISTA COMO PERSONAGEM NO PRÓPRIO CAMPO**

Antes de direcionar as lentes para o jornalista como personagem nas produções do Globo Play é preciso reconhecer que o jornalista se tornou personagem no próprio campo jornalístico ao se inserir na narrativa, como aconteceu com o repórter Caco Barcellos na escrita do livro-reportagem “Rota 66: a história da polícia que mata”, que conta a história da ação criminosa da polícia militar de São Paulo, que assassinava jovens inocentes ao invés de realizar o procedimento de prisão em flagrante.

---

Em 1975, três amigos da elite paulistana roubaram um toca fitas de um carro por conta de um rixa entre gangues de bairros e fugiram da polícia, que os assassinou ao invés de prendê-los em flagrante. Como eles eram de famílias abastadas, logo o caso ganhou as manchetes do país, chamando atenção de Caco Barcellos que apurou por anos outros casos errôneos de ações militares com jovens. Após longa investigação, o jornalista publicou o livro-reportagem em 1992.

Apesar do rigor da apuração e objetividade, em alguns momentos ele permitiu se deixar falar na narrativa, dando espaço aos bastidores que marcam toda a sua trajetória profissional. Para ilustrar é possível citar o capítulo 3, no qual ele insere um diálogo que ele teve durante a apuração.

—Os Garotos são da fina flor da Sociedade, famílias tradicionais. O bairro deles é o mais rico... Como explicar isso, Caco?  
—É estranho. A Rota foi criada para combater guerrilheiros. Faz tempo que a guerrilha acabou... (BARCELLOS, 2003, p.33)

Além de se tornar personagem no livro-reportagem, é possível observar essa marca também se manifestando no telejornalismo da rede globo. De acordo com Kneipp (2023), em 1980 vários jornalistas oriundos do impresso incorporaram o time da emissora a fim de criar uma identidade para esse campo da Globo, que até então servia de porta-voz para o governo militar. “(...) dois momentos significativos do telejornalismo brasileiro, que podem ser marcos significativos para o Jornalismo Investigativo na televisão: (1) a chegada do jornalista Caco Barcellos à TV Globo; e (2) a criação do programa “Documento Especial”, da extinta TV Manchete” (Kneipp, 2023. p.63).

Após passagem por diferentes telejornais da emissora, em 2006 o programa Profissão Repórter surgiu como um quadro do Fantástico e em seguida ganhou algumas edições especiais em 2007, até virar um programa fixo em 2008, indo ao ar todas às terças-feiras com 25 minutos de duração. Na tentativa de compreender o jornalismo investigativo a partir do percurso de Barcellos, Kneipp aborda também o jornalismo humanizado (Ijuin, 2014). Na perspectiva desse pesquisador, “(...) já avançamos muito na escala evolutiva, é verdade, mas ainda não somos robôs. Queremos um jornalismo feito por pessoas e para pessoas” (Ijuin, 2014, apud Kneipp).

---

Além da estrutura clássica das reportagens em telejornais que contam com off, sonora e passagem, Kneipp observa no programa Profissão Repórter “a utilização de uma nova estratégia, baseada na técnica, que é a não utilização da bancada e do apresentador formal no estúdio” (Kneipp, 2022, p.68). Ou seja, o jornalista conduz a reportagem e nesse processo acaba apresentando também os bastidores da reportagem e se colocando como personagem, que também pode ser avaliado como uma forma de gerar humanização e proximidade com o telespectador.

### **A DOCUMENTAÇÃO DOS JORNALISTAS E AS SUAS HISTÓRIAS**

Atualmente, o jornalista na emissora Globo não está apenas sendo personagem nas reportagens dos telejornais, mas também nas produções documentais do Globo Play que vem produzindo nos últimos anos narrativas que trazem esse profissional em destaque. Entre eles, o documentário “Escola base: um repórter enfrenta seu passado” (2022) que busca contar o caso envolvendo a reportagem feita por Valmir Salaro sobre crianças de quatro anos abusadas em uma escola de São Paulo. Logo, o caso ganhou atenção do público. Apesar das atualizações feitas pela emissora assim que os acusados foram inocentados, só 28 anos depois uma produção de fôlego foi feita pela Globo revisitando a história, a fim de mostrar os limites e vulnerabilidades do jornalista como um herói que também erra.

Apesar do documentário original Globo Play se chamar “Escola Base” e trazer apenas no subtítulo a informação que o enquadramento dado é o repórter, logo no início da produção é possível perceber que Valmir é o verdadeiro motor daquela narrativa por começar contando em off as suas experiências como repórter policial e lembrando o caso da Escola Base, revelando ser ele o repórter que enfrenta o passado.

No decorrer do material documental, Valmir exerce dois papéis, o de personagem protagonista e também o de repórter ao (re)apurar o caso se colocando e compreendendo também como um dos culpados. Inclusive, nos créditos é informado que ele não só esteve presente como um entrevistado, mas também como um dos membros do núcleo de reportagem do documentário. Isto é, o Globo Play classificando o produto como documentário, que pode ser visto como um filme na perspectiva de Nichols (2007), há muitas mesclagens de linguagens com a reportagem e a grande

---

reportagem por ele se colocar como o fio condutor entre as histórias e exercer esse papel de repórter.

Em 2023, foi a vez do jornalista Jorge Bastos Moreno ganhar uma produção só dele na plataforma de streaming da Globo. Diferente da “Escola Base”, o documentário da vida de Moreno “Repórter do Poder” se estendeu em episódios, se tornando uma série documental. Nos primeiros capítulos, o telespectador é apresentado ao jovem jornalista que começou em Brasília e se tornou um grande nome do poder, por se destacar nas coberturas de política da capital do país. No desenrolar dos episódios, Moreno é descrito pelos amigos como um homem sedutor e influente até a morte dele que aconteceu no Rio de Janeiro, onde ele morava na época.

Apesar de ser enquadrado como herói em alguns momentos pelas suas reportagens e ações, em outras situações ele também é tratado como um homem “traquinia”, que se afasta desse papel e o aproxima de um ser humano comum com falhas e defeitos. De modo geral, a série se mostra como uma forma de homenagear o repórter e também preservar a memória daqueles que ajudaram a construir o jornalismo profissional na Globo.

## **O FATO NA FICÇÃO E O JORNALISTA COMO PERSONAGEM**

Além dos casos documentais anteriores, o jornalista já foi representado como protagonista no formato de série de ficção a partir de “Rota 66: a polícia que mata” inspirada no livro-reportagem de Caco Barcellos. Ao escolher o formato de ficção para transpor o livro para o audiovisual, atores foram escolhidos para interpretar os personagens. Ou seja, apesar de manter a ancoragem na realidade, a história foi encaminhada para ficção e reconstruída. Nesse processo, Caco Barcellos que em alguns momentos tinha se colocado como personagem no livro, na série de ficção acaba se tornando o protagonista da história, enquanto as vítimas se tornam coprotagonistas, sendo ainda as motoras da história. Apesar desse deslocamento do protagonismo na série, é importante observar que não houve uma perda do propósito do livro (Bhering; Coutinho, 2023).

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso pelas produções documentais e ficcional que trazem os jornalistas como personagens protagonistas, foi possível observar em “Escola Base” esse se colocando como culpado e vulnerável, já no “Repórter do Poder” é possível identificar esse profissional sendo em alguns momentos herói, em outros um ser traquina com vulnerabilidades e no caso de “Rota 66: a polícia que mata”, por mais que haja um enquadramento de Caco Barcellos como herói é interessante reparar as fragilidades existentes no campo pessoal de sua vida. Desse modo, por meio do streaming, a Globo volta em uma história complicada do seu passado ao reconstruir o caso da Escola Base, organiza o percurso de vida de um dos nomes mais célebres que ela já teve no setor jornalístico e homenageia em vida o repórter Caco Barcellos ao adaptar o seu livro-reportagem para série de ficção. Diante dos ataques que esse profissional vem sofrendo nos últimos anos, a estratégia de trazer o jornalista como personagem protagonista de uma história coaduna com o desejo da emissora em reerguer a credibilidade fragilizada dessa categoria profissional tão importante para seu percurso ao longo das décadas.

## REFERÊNCIAS

- BHERING, Gabriel. COUTINHO, Iluska. **(Tele) Jornalismo Literário Expandido: das páginas para as telas**. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte, MG.
- EMERIM, Cárilda (org.); et al. **Caco Barcellos: 50 Anos de Jornalismo**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023.
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em televisão**, 2003. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Metodista de São Paulo.
- COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. Anais eletrônicos... São Paulo, USP, 2016.
- JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2007.
- SANTOS, Alexandre. **Ficção e antificção na telenovela brasileira: a hibridação do formato e a aproximação com o gênero docudrama**, 2010. (Tese Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes (Eca - USP).
- TRINTA, Aluizio. NEVES, Cristina. **O jornalista na telenovela**. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

---

TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem de Cinema.** In: *XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2001, Campo Grande, MS. Anais Eletrônicos... Campo Grande, MS, 2001.

TRAVANCAS, Isabel. **O jornalista e as suas representações literárias.** In: *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2003, Belo Horizonte, MG. Anais Eletrônicos... Belo Horizonte, MG, 2003.